

PREVALÊNCIA PARASITÁRIA EM CRIANÇAS ATÉ 5 ANOS DA ALDEIA I'TÂRAP DA ETNIA ARARA / RO

A enteroparasitose é um tipo de parasitismo de distribuição universal, constituindo-se um grande problema de saúde pública, especialmente em regiões menos favorecidas economicamente. Os fatores que favorecem a ocorrência do parasitismo intestinal estão relacionados a condições de saneamento básico, higiene pessoal, fatores culturais, poluição do meio ambiente, educação e presença de hospedeiros intermediários no peridomicílio. Os estudos epidemiológicos sobre a ocorrência de enteroparasitoses em comunidades indígenas são escassos, apesar da sua relevância em quadros de gastroenterite. Tendo em vista a importância da temática para a epidemiologia indígena, este estudo foi realizado com o objetivo de caracterizar a prevalência parasitária em crianças até cinco anos da aldeia I'târap da etnia Arara. O estudo foi do tipo quantitativo, descritivo e transversal. Foi aplicado um questionário de 22 perguntas para a investigação socioeconômica e para investigação dos agentes etiológicos, empregou-se a medida biofisiológica *in vitro*, em setembro de 2010, na aldeia I'târap localizada às margens do Igarapé do Prainha, na terra indígena Igarapé Lourdes, em Ji-Paraná/RO. Foram entrevistadas 31 famílias. Do universo de 52 crianças, 92,3% (48) participaram da coleta de material coprológico, sendo excluídas as demais. A análise demonstrou 54% resultados positivos para parasitos. A menor frequência ocorreu com os helmintos (*Hymenolepis nana*) (7,7%); em associação com *Entamoeba coli* (11,5%); e com *Entamoeba coli* e *Giardia lamblia* (3,8%). Entre os protozoários, ocorreram a *Entamoeba coli* 10 (38,5%) e a *Giardia lamblia* 7 (26,9%). Em associação com helmintos, o *Endolimax nana* ocorreu em 3,8%. O monoparasitismo (73%) destacou-se em relação ao biparasitismo (19%) e ao triparasitismo (8%). Em relação ao consumo de água, 63,3% das famílias não tinham acesso a água encanada e a água de consumo era proveniente de poço Amazonas (68,4%) ou de igarapés (31,5%), sendo que 100% dos responsáveis não apresentaram preocupação em fazer qualquer tipo de tratamento, assim como não tinham o hábito de lavar as mãos antes do preparo dos alimentos. No peridomicílio, encontrava-se lixo a céu aberto, evacuações de crianças e animais domésticos. O hábito de andar descalço foi referido por 89,6% das mães entrevistadas. As moradias eram de madeira (52%), seguidas por madeira e palha na sua construção (44%) e outros (4%). Constatou-se a média de 2,7 crianças para cada cômodo da casa e que famílias mais numerosas habitam em casas com menor número de cômodos. Diante dos dados, fica evidente a necessidade não só de tratar o parasitismo intestinal com medicação, mas implementar ações de prevenção, através de educação e melhoria das condições de saneamento.

Palavra chave: Enteroparasitose. Indígena. Enfermagem.